

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: REFLEXÕES A PARTIR DE UM CURSO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Diana Lusa¹

Eixo temático: 7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: Este trabalho objetiva refletir acerca da formação continuada de professoras alfabetizadoras, considerando a formação com um local de encontro, pontuando uma proposta realizada na pandemia e trazendo-a para discussão: a experiência de um curso de EaD na área da alfabetização. Para tanto, foi feito um recorte do questionário final de avaliação do curso, considerando algumas questões e respostas que permitem pensar em pontos como: a necessidade de espaços de formação continuada e a alta procura por cursos de formação em alfabetização.

Palavras-chave: Formação continuada; Professoras alfabetizadoras; Alfabetização.

Introdução

A temática da alfabetização é uma das centrais na área da educação, por seu destaque no processo de ensino, pelos embates teóricos que a envolvem, pela necessidade de que ocorra de maneira satisfatória, pelas dúvidas e angústias compartilhadas por muitas alfabetizadoras sobre o melhor caminho – ou caminhos – a serem seguidos para que a alfabetização seja bem sucedida, de forma que os estudantes alfabetizados leiam, compreendam e interpretem textos. Como bem lembra Maria do Rosário Longo Mortatti (2011), desde o final do século XIX ocorrem muitas disputas em torno de novas e antigas explicações para a mesma problemática: a dificuldade de as crianças em aprenderem a ler e escrever. A discussão é ampla e antiga ao mesmo tempo em que é necessária, pois as dificuldades apresentadas pelas crianças com a leitura e com a escrita muitas vezes vão ao encontro das dificuldades e angústias das professoras alfabetizadoras, que podem não ter tido uma formação inicial que contemplasse essa etapa de ensino, assim como nem sempre dispõem de momentos e espaços de trocas com outras alfabetizadoras e de cursos de formação continuada que tratem especificamente da temática.

A análise aqui apresentada objetiva refletir sobre a importância de espaços de trocas e formação continuada para professoras alfabetizadoras e lembrar o importante papel que as

¹ Doutoranda em educação pela UCS. Pedagoga no IFRS – Campus Veranópolis. Contato: dianalusers@gmail.com

universidades e institutos federais – especialmente aqueles centros que ofertam cursos de pedagogia e contam com profissionais da área da educação – desempenham nesse processo. Para tanto, são observados os dados de um curso de extensão ofertado por um Câmpus do IFRS no ano de 2020. Este curso, intitulado “Alfabetização e letramento”, começou a ser planejado conjuntamente por cinco servidoras do IFRS, em 2019, para acontecer no ano seguinte, de forma presencial, com professoras alfabetizadoras da rede pública da região de Veranópolis/RS, durante 10 semanas. O curso inicialmente pensado teria duração de 40 horas, tendo como objetivos: a) proporcionar um espaço de formação continuada para e com professoras alfabetizadoras; b) apresentar algumas práticas/experiências/estudos em alfabetização que foram ou estão sendo bem sucedidos, nos quais as professoras têm papel central para propor e planejar e c) refletir e construir em conjunto atividades e possibilidades de trabalho para a alfabetização e para o letramento. O curso seria presencial pois entendemos, concordando com António Nóvoa (2008), que o melhor caminho para aperfeiçoar a prática pedagógica é debater com a/o colega e, ainda, que todo o conhecimento é autoconhecimento e que toda formação é autoformação e, sendo assim, a prática pedagógica inclui o indivíduo, a sua identidade, os seus afetos, os seus gostos.

O ano de 2020 chegou e com ele, no início do ano letivo, a pandemia, que resultou como todas e todos sentimos e vivemos, no cancelamento das atividades letivas presenciais. Quando houve o entendimento de que as atividades presenciais não retornariam no mesmo ano, foi feita a opção de oferta do curso no formato de EaD; para tanto o curso foi readequado na medida do possível e teve sua carga horária diminuída para 20 horas. Os acessos ao curso e o número de profissionais que o concluíram e deixaram suas contribuições através da avaliação do curso, foi além do esperado inicialmente. Mais de dois terços das concluintes realizaram a avaliação do curso, respondendo a 10 questões objetivas e a uma questão descritiva. Esta reflexão sobre a formação continuada de professoras alfabetizadoras se baseia nos números de concluintes do curso e nas contribuições das cursistas, nas respostas da avaliação do curso, em especial na questão aberta, tomando-se como metodologia a análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Trata-se de um estudo qualitativo em que o foco da análise de conteúdo é compreender o sentido expresso pelo material analisado, mas especialmente “*desviar* o olhar para outra significação, outra mensagem entrevista por meio ou ao lado da primeira”, ou seja, a leitura realizada pelo pesquisador pretende “o realçar de um sentido que figura em segundo plano” (BARDIN, 2016, p. 47) tendo como objetivo “a manipulação das mensagens para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (BARDIN, 2016, p.52). Dito isso, destaca-se que o foco de análise será as 2680 respostas do questionário objetivo realizado ao término do curso on-line e, dentre elas, as 710

respostas à questão descritiva. As participantes do curso são de todo o Brasil, tendo realizado o curso no período compreendido entre outubro de 2020 e janeiro de 2021. Ao se inscreverem na plataforma de ensino e aprendizagem as participantes autorizam o uso dos dados, de forma anônima, para pesquisa.

A análise de conteúdo, consoante Bardin, segue três passos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. No caso do presente estudo o material está delimitado em período e número de participantes e foi extraído de uma base de dados. Após uma “leitura flutuante”, com formulação de objetivos e com uma direção de análise, realizou-se uma síntese dos resultados a fim de interpretá-los.

Fundamentação teórica

Além de dar conta das diferentes frentes que exige sua atuação profissional, a identidade da professora alfabetizadora está em contínua transformação e formação, pelo meio que as rodeia e pelas interpretações, vivências e sentimentos acerca desse meio, como lembra Hall (2006). A experiência docente acontece em um tempo e em um espaço em que nossas vidas acontecem. Somos constituídos também na e por meio da memória dos professores que tivemos e dos alunos que impulsionam crescimento profissional e pessoal. Essa constituição se dá na ação, na reflexão sobre essa ação. Nas experiências que nos acontecem. De acordo com Larrosa (2002, p. 24), uma ação se torna experiência na medida em que há exposição, pois “o sujeito da experiência é um sujeito exposto”.

Ao concluir a formação inicial na graduação muitas professoras que serão alfabetizadoras em sua prática, ainda não estiveram expostas às experiências de alfabetização por um longo período, com a possibilidade de viver as dúvidas, medos, angústias e reflexões que emergem com a prática. Aqui entra o papel da formação continuada na vida das professoras.

Os docentes em exercício constroem novos conhecimentos, ideias e práticas, pois é a partir daquilo que já possuem e sabem que continuam seu desenvolvimento. A construção da formação docente envolve toda a trajetória dos profissionais, suas concepções de vida, de sociedade, de escola, de educação, seus interesses, necessidades, habilidades e também seus medos, dificuldades e limitações. (ALVARADO-PRADA; FREITAS; FREITAS, 2010, p. 370).

Considerando especialmente estas trajetórias escolares das professoras e também buscando atender a algumas das finalidades dos Institutos Federais (BRASIL, 2008), como ministrar cursos de formação inicial e continuada, com vistas à capacitação, à atualização pedagógica dos docentes das redes públicas de ensino, o curso foi pensado. Com inspiração nas ideias de Paulo Freire (1996), de que o ensinar exige pesquisa, exige consciência do

inacabamento, exige compreender que através da educação intervimos no mundo, foi buscado um espaço de formação que permitisse *experenciar*, “vivenciar o existente” (LARROSA, 2019, p. 131), através de encontros.

A pandemia nos mostrou que “tudo o que é sólido se desmancha no ar” (SANTOS, 2020). Algumas vezes se faz necessário lançar mão do “plano de chuva”, aquele planejamento para os dias diferentes, fora do padrão, em que praticamente não há alunos em sala de aula, como nos dias de chuvas fortes. *A cruel pedagogia do vírus* (SANTOS, 2020) está nos permitindo ver que a pandemia não afeta indiscriminadamente; alguns grupos são mais vulneráveis, dentre eles, as mulheres. Que também são professoras do ensino fundamental. São mães. São provedoras. São alfabetizadoras. Desta maneira, em meio à pandemia, uma saída possível foi ofertar um curso que talvez não dê conta do referencial teórico que o propõe, mas que foi uma tentativa de fazer algo em *um dia de chuva forte*.

Resultados e discussões

O curso de Alfabetização e Letramento ofertado na Plataforma Moodle do IFRS, entre outubro de 2020 e janeiro de 2021, teve início tardio devido às expectativas de possível retorno presencial e, com isso, a oferta de um curso presencial – a pandemia trouxe períodos de dúvidas e incertezas. O curso foi estruturado no formato MOOC², tendo um total de 20 horas, em três módulos distintos, sendo eles: 1) conceitos gerais de alfabetização e letramento; 2) métodos de alfabetização, módulo com intuito de apresentar os métodos utilizados ao longo da história da alfabetização no Brasil; 3) formação do leitor, quando se discute a centralidade da leitura e algumas possíveis formas de trabalhá-la no ciclo da alfabetização.

O número de concluintes superou as expectativas iniciais: 3.828 profissionais da educação ou estudantes de licenciaturas³ concluíram a primeira edição do curso, que aconteceu durante quatro meses – as inscrições poderiam ser feitas até 31 de dezembro de 2020, mas foi possível realizar o curso até o final de janeiro do ano seguinte⁴. Deste número total, 2680⁵ participantes responderam à pesquisa feita ao final do curso, com 10 questões objetivas e uma descritiva, aberta, sendo ela: “Deixe aqui sua sugestão”. Nas respostas descritivas aparecem elogios ao curso, críticas, sugestões de mudanças ou melhorias, assim como reflexões acerca da formação continuada de professores. São essas reflexões, sobre

² Curso on-line aberto e massivo.

³ O curso foi aberto para o público em geral. Pelo teor das respostas ao questionário final, conclui-se que a maior parte das pessoas que realizaram o curso são professoras, seguidas de estudantes de pedagogia.

⁴ A regra vale para todos os cursos do Moodle do IFRS; as inscrições, para as turmas “B”, que iniciam a partir da metade do ano, são feitas até o final de dezembro do ano corrente e os cursos podem ser concluídos até o final de janeiro do ano seguinte.

⁵ Dados extraídos do sistema AVEA MOODLE do IFRS em oito de fevereiro de 2021.

formação continuada e solicitações de novos cursos, que serão aqui exploradas e analisadas pelo método de análise de conteúdo.

Dentre as 2680 respostas no questionário, houve 710 respostas para a questão aberta. Essas respostas descritivas foram separadas para análise, em sete grupos: 1) elogios curtos, com uma ou duas palavras ou frases curtas que correspondem à maior parcela das respostas qualitativas; 2) Neutros (como “nada a declarar”); 3) Pedidos de disponibilização do material do curso em outros formatos; 4) Críticas/sugestões quanto ao conteúdo do curso; 5) Críticas/sugestões quanto à carga horária do curso; 6) Pedidos/solicitações de novos cursos na área da alfabetização e em outras áreas da educação; 7) Reflexões quanto à formação continuada. Para fins desta análise, são observados alguns dados dos últimos dois grupos das respostas descritivas; optou-se por esse recorte para propor uma discussão sobre formação continuada para e com alfabetizadoras.

Do total das respostas descritivas, houve 81 pedidos de que a instituição ofertasse novos cursos, ou ainda, que aprofundasse a temática da alfabetização e letramento em outros cursos, com maior carga horária, ofertando uma sequência de cursos. Nas palavras de algumas cursistas: “Acredito que será importante haver mais cursos nesta área de alfabetização porque este foi muito bom, e existem poucos como ele.” (Resposta 1); “Sugiro que sempre tenham curso ead gratuito para profissionais da educação” (Resposta 2); “Gostaria que tivesse mais cursos direcionado à leitura ou ao incentivo dela.” (Resposta 3). É possível notar que as professoras anseiam por realizar novos cursos e nem sempre os encontram ou são encontradas por eles. Quando uma professora diz em parte de sua resposta, sobre o curso feito que *existem poucos como ele*, entendemos que as docentes não buscam algo pronto, impositivo e definitivo e lembramos Freire (1996), quando diz que ensinar exige a curiosidade dos educandos e das educadoras e que nenhuma curiosidade se sustenta negando outra curiosidade. Assim, a formação continuada precisa constituir-se de forma que desperte, que mostre caminhos, mas sem impô-los. As professoras buscam por algo que contribua para a formação de modo que possa ser aproveitado para pensar sobre a realidade de sua sala de aula e para transformar, modificar, inovar esse espaço cotidiano, ou, simplesmente, para dar suporte à realidade existente. Em uma pesquisa coletiva sobre os interesses de formação continuada dos docentes, Alvarado-Prada, Freitas e Freitas observam que:

Os professores justificam suas preferências pelas ações [...] mostrando seus interesses de crescimento profissional, por acreditarem que estas ajudam a fundamentar, analisar e aprimorar a prática pedagógica, além de acrescentar conhecimentos e propiciar o repensar da prática pedagógica, da convivência e da postura diante do outro e da vida. (ALVARADO-PRADA; FREITAS; FREITAS, 2010, p. 379).

Muitas cursistas responderam à questão descritiva refletindo sobre a formação continuada. São trazidas aqui algumas, para que seja possível pensar sobre elas. As respostas que seguem, reafirmam a pouca oferta de formação continuada na área da alfabetização, neste momento histórico em que vivemos: “Gostei bastante do curso, pois é uma área que carecemos de formação para melhorarmos nossa atuação em sala de aula.”(Resposta 4); “O curso foi de extrema importância para minha prática, especialmente por ter oferecido sugestões de propostas a serem realizadas com as turmas. Em 2021 optei por atuar com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental e essa formação pelo IFRS foi de extrema importância. Viva à Universidade Pública! Viva a democratização do ensino! Vocês estão de parabéns!” (Resposta 5). As professoras respondentes manifestam entusiasmo por encontrarem à disposição e de forma gratuita, um curso que apresenta algumas propostas, como sugestão e não como caminho único. Educar, ensinar, alfabetizar “exige tomada consciente de decisões” (FREIRE, 1996, p. 109). Exige que, ainda que se pense um curso para e com professoras, estas sejam consideradas como seres de luta, pessoas que não são neutras, que têm um conhecimento e que fazem história em suas salas de aula e no mundo a partir das decisões que tomam.

Uma das respostas será tratada individualmente, por trazer de maneira explícita algo que tem se discutido muito no Brasil no momento presente e que tem, desde 2019, gerado grandes polêmicas: os métodos de alfabetização. “Esse foi um dos melhores cursos que fiz aqui pela plataforma, aprendi muito, mas acredito que poderia ter mais conteúdo, ou quem sabe, realizar um curso somente sobre os métodos de alfabetização, algo bem específico.” (Resposta 6). Segundo Isabel Frade, na alfabetização, “método” é uma expressão que pode designar diferentes situações. Para fins desta análise consideramos *método* como “um método específico, como o silábico, o fônico, o global” (FRADE, 2005). Existe na academia uma polêmica que envolve os métodos de alfabetização; há a defesa por um ou outro método, por métodos sintéticos ou analíticos ou, ainda, há a compreensão de que a polêmica não é necessária, todos os métodos podem apresentar bons resultados e, ainda, um não precisa excluir o outro. Mas, antes da discussão em torno dos métodos, há um passo a ser dado: conhecer os métodos. Quando acontecem as discussões sobre eles, tem-se o entendimento de que todas/os que ouvirem ou lerem esta discussão saberão do que se trata. Mas não é sempre assim. Nem todas as professoras alfabetizadoras têm clareza sobre os métodos. É importante possibilitar esse aprendizado e essa troca nos cursos de formação continuada para proporcionar uma reflexão sobre a própria prática alfabetizadora. Como nos diz outra cursista: “A alfabetização só tem sentido quando o sentido é compreendido. Um excelente curso!” (Resposta 7).

A apropriação dos métodos de alfabetização é um conhecimento teórico diretamente

relacionado à prática, porque a alfabetização acontece dentro da sala de aula, no dia a dia de professoras e estudantes. Saber sobre os métodos e sobre as bases teóricas que os sustentam é entender o que funciona para si e para cada turma e quais as implicações de cada escolha. A história serve para compreender, para construir um projeto consistente. É indispensável conhecer o passado para entender a evolução da alfabetização. Para compreender que a discussão acerca dos métodos, por exemplo, também envolve uma discussão política e que muitas propostas de alfabetização que se apresentam como novas, já foram consideradas inadequadas (MORTATTI, 2011).

Considerações finais

A escola é um espaço de formação continuada, mas nem sempre há tempo para trocas entre os pares. A formação de professores continua sendo um dos principais desafios da educação. Claro que não é possível esquecer outros problemas, de ordem política e econômica, por exemplo; falamos aqui na formação por ser o foco desta análise.

A contribuição das universidades e institutos federais na formação continuada de professoras e professores é fundamental, desde que se apresente também como um espaço de escuta, de troca, de crescimento conjunto. É imprescindível que haja espaços para ter acesso a estudos sistematizados em áreas específicas e que esses espaços sirvam também para conhecer outras experiências, que possam servir de subsídios para mudanças, conforme seja o interesse, em cada ambiente escolar.

Referências

ALVARADO-PRADA, Luis Eduardo; FREITAS, Thaís Campos; FREITAS, Cinara Aline; **Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **LEI Nº 11.892, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em 23 abr. 2021.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomáz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Campinas, Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan.-abr. 2002, p. 20-28.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Alfabetização no Brasil:** uma história de sua história. São Paulo: UNESP, 2011.

NÓVOA, António. **O garimpador de histórias.** Revista NOVA ESCOLA. Edição 215, 01 de Setembro, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus.** São Paulo: Boitempo, 2020.